

**POLÍTICA, RACISMO E FOME EM  
QUARTO DE DESPEJO DE CAROLINA  
MARIA DE JESUS**

**POLITICS, RACISM AND HUNGER IN CAROLINA  
MARIA DE JESUS' DUMP ROOM**

Mariana de Souza Santos  
Graduanda em Geografia - (UERJ - FFP)  
Felipe Moura Fernandes  
Prof. Adjunto - (UERJ/FFP)  
Igor Marins Dinelly Pessoa  
Graduando em Geografia - (UERJ/FFP)  
Igor Rodrigues Rego Sankuevitz Cruz  
Graduado - (UERJ/ FFP)  
Patrícia Mattos da Cruz Filgueiras  
Graduanda Geografia - (UERJ/ FFP)

**Resumo:**

O texto é resultado de um ano de pesquisa no programa Prodocência (UERJ) durante o biênio 2022-24. O programa tem a finalidade de fornecer subsídios para a continuidade da pesquisa em uma determinada área/tema e promover desdobramentos na formação do professor/pesquisador. Nesse momento, pretendemos demonstrar um tratamento inicial dos temas da política, do racismo e da fome a partir da leitura da obra Quarto de Despejo de Carolina Maria de Jesus. Entendemos que a abordagem desses temas a partir da literatura pode contribuir para a composição de um "quadro geográfico" (Gomes, 2017) onde destacaremos a questão da habitação. No que diz respeito a orientação teórica e metodológica vale destacar que não tratamos a literatura como simples "objeto" de pesquisa, mas atribuímos a mesma o caráter de "sujeito". Isso significa que a literatura não é geográfica porque possui um conteúdo geográfico em relação a realidade (montanhas, chuvas, lagos, entre outros), mas por apresentar um pensamento geográfico "em si" (Brosseau, 2007).

**Palavras-chave:** Geografia; Literatura; Política; Racismo; Fome.

REVISTA FLUMINENSE DE GEOGRAFIA	Niterói (RJ)	Vol. 4, n. 1, jan-jun 2024	e-ISSN: 1980-9018
------------------------------------	--------------	----------------------------	-------------------

**Abstract:**

The text is the result of a year of research in the Prodocência program (UERJ) during the 2022-24 biennium. The program aims to provide subsidies for the continuity of research in a given area/theme and promote developments in the training of teachers/researchers. At this point, we present an initial treatment of the themes of politics, racism and hunger based on a reading of the work *Quarto de Despejo* by Carolina Maria de Jesus. We understand that approaching these themes from literature can contribute to the composition of a "geographical framework" (Gomes, 2017) where we will highlight the issue of housing. With regard to theoretical and methodological orientation, it is worth highlighting that we do not treat literature as a simple "object" of research, but we attribute it the character of "subject". This means that literature is not geographic because it had geographic content in relation to reality (mountains, rain, lakes, among others), but because it presents geographic thought "in itself" (Brosseau, 2007).

- O que você veio fazer aqui? - Eu vim Cantar!
- Me diz uma coisa, de que planeta você veio?
- Do mesmo planeta seu Seu Ary.
- E qual é o meu planeta?
- Planeta fome!

Diálogo de Elza Soares  
com Ary Barroso (Anos 50)

## Introdução

O período histórico que vai de 1945 a 1964 apresenta características interessantes para além de ser, em uma avaliação retrospectiva, um intervalo entre a ditadura varguista do Estado Novo (1937-45) e a ditadura estabelecida pelos militares através do golpe civil e militar (1964-85). Nesse tempo de "experiência democrática" (Ferreira e Delgado, 2003) houve a atuação de intelectuais junto ao estado brasileiro com intuito de "modernizar" o país e resolver problemas candentes, tais como, a "desigualdade social", o intenso "fluxo migratório" do nordeste para sudeste, o crescimento das cidades acompanhando a desigualdade preexistente, a favelização, as grandes taxas de analfabetismo, entre outros. No aspecto geral, intelectuais de diferentes áreas e formações se envolveram em ações políticas que tinham como objetivo combater os problemas em questão. Entre eles, podemos citar Paulo Freire com o seu método de alfabetização de adultos e Celso Furtado com as superintendências que tinham como objetivo diminuir a desigualdade regional no país. O contexto também é o da construção de Brasília, planejada por arquitetos como Lúcio Costa e Oscar Niemeyer durante o governo de Juscelino Kubitschek. A construção da cidade, no planalto central, revela um plano ousado e um delírio modernista. Também é desse momento, o movimento cultural que tem como precursor o músico João Gilberto, a Bossa Nova. O Brasil parecia ficar cada vez mais consciente de si e o estado democrático parecia se desenvolver, enfim, havia um certo clima de otimismo. Nesse caldo cultural, político e socioeconômico foi permitido ao jornalista Audálio Dantas descobrir, na segunda metade da década de 1950, na Favela do Canindé, a migrante, mulher, negra e escritora Carolina Maria de Jesus. Nesse momento, Carolina Maria já escrevia seu diário desde 1955 e o encerra no dia "1 de janeiro de 1960" para publicá-lo em

livro no mesmo ano. O diário que se tornou o livro *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus (2014), faz uma narrativa a contrapelo do discurso de otimismo e demonstra a dura realidade de uma mulher negra e favelada que cria sozinha os seus três filhos: João José, nascido em 1948, o pai era um marinheiro português; José Carlos nascido em 1950, o pai era espanhol e Vera Eunice, o pai era dono de fábrica e comerciante. A geografia revelada pela autora em seu diário, dentro do contexto histórico esboçado, revela um Brasil que os “brasileiros” se negavam a ver em meio aos outros acontecimentos.

O objetivo preliminar desse texto é identificar como a dimensão da política, da fome e do racismo compõem um “quadro geográfico” (Gomes, 2017) de entendimento da realidade vivida por Carolina Maria de Jesus e como esse quadro está registrado em seu livro *Quarto de Despejo*. Junto disso, compreender a contrapelo como a desigualdade (fome, racismo e política) era um fenômeno estrutural presente na geografia urbana do Brasil, tendo como foco a cidade de São Paulo e a Favela do Canindé. Logo depois do lançamento, a favela denunciada no livro será removida, o que demonstra a ausência das políticas públicas de habitação em relação aos mais pobres. Entender como o racismo compõe uma ou mais das possíveis visões que a sociedade tem sobre Carolina Maria e seu livro, assim como também ajuda a compreender o olhar que a autora possuía sobre a sociedade. Sem dúvida a autora sofre racismo, mas a mesma não deixa de deslindar comentários pejorativos em relação aos nordestinos, caracterizados genericamente como “baianos”. Junto disso, perceber como o contexto histórico e político é fundamental para analisar a obra e compreender a sua riqueza, assim como, contribui para a compreensão do tempo presente. Como produto final da pesquisa, pretendemos fazer um atlas da obra *Quarto de Despejo* de Carolina Maria de Jesus. Iniciamos uma cartografagem das moradias da escritora, desde Sacramento, em Minas Gerais, até São Paulo (Canindé, Santana, Parelheiros) tendo como base os livros: *O Quarto de Despejo* e a biografia de José Rufino dos Santos: *Uma Escritora Improvável*.

No que diz respeito a metodologia, realizamos um levantamento bibliográfico que compreende três campos. A crítica que tardiamente começa a envolver a produção de Carolina Maria de Jesus, entre eles, a biografia escrita por Joel Rufino (2009) *Carolina*

Maria de Jesus: uma escritora improvável e a coletânea de textos organizada por Aline Arruda, Iara Barroca e Luana Tolentino (2022), *Carolina Maria de Jesus: percursos literários*. Em relação ao primeiro livro destacamos duas questões iniciais: primeiro o fato de o autor considerar Carolina Maria de Jesus uma escritora improvável, já desde o título. Por que Carolina é uma escritora improvável? Por ser mulher, negra, favelada, catadora de papel e mãe solteira de três filhos? Esses fatores a tornam uma escritora improvável ou o fato dela não se encaixar nos moldes de crítica da esquerda da época? Até que ponto o improvável é uma dificuldade formativa do autor da biografia (Joel Rufino) ou uma questão da própria Carolina Maria de Jesus? Junto desse ponto, o livro traz importantes informações contextuais, como, por exemplo, o fato de Carolina não ser bem-vista por alguns setores progressistas. O segundo livro, ainda está sendo alvo de nossa leitura e análise, mas já salta os olhos o fato de a maior parte das autoras serem mulheres e essa informação permite um contra ponto com a biografia de Joel Rufino, um autor homem.

Do ponto de vista da Geografia, estamos fundamentados em Moraes (2008), Gomes (2017), Moreira (2011) e Fernandes (2012). Tendo como base esses autores, podemos afirmar que a ciência geográfica institui uma modalidade do geográfico. No entanto, o "pensamento geográfico" é mais amplo que a ciência geográfica, em outros termos, o geográfico pode estar presente na literatura, nas artes plásticas, na cartografia, em vários tipos de conhecimento ligados a arte e a ciência. Para contemplar a dimensão do contexto e da política, estamos utilizando o livro organizado por Ferreira e Delgado (2003) e o trabalho da filósofa Hanna Arendt (2002); para apoiar as reflexões sobre racismo o texto de Michel Wieviorka (2007), por último, mas não menos importante, estamos estudando o livro *Geografia da Fome* do médico e geógrafo Josué de Castro (2022).

## A pólis, a política e a palavra

*Eu não tinha um tostão para comprar pão.*  
Carolina Maria de Jesus. 2014, p.10

O Quarto de Despejo mostra a realidade de uma mulher, negra, solteira, favelada e mãe de 3 filhos: Vera Eunice, João José e José Carlos. Todos vivem em um barraco na favela as margens do Rio Tiête.

Vários trechos do livro demonstram a precariedade das condições dos moradores do Canindé. "Levantei. Obedeci a Vera Eunice. Fui buscar água" (JESUS 2014, p.10). A favela só dispunha de uma bica para fornecer água aos moradores e situações como essa se repetiam com grande frequência, a água era o elemento de sociabilidade da comunidade.

Uma mãe que destoa das demais mães da favela visto que ela está sempre lendo, escrevendo, trabalhando e protegendo seus filhos das adversidades. Do ponto de vista objetivo, podemos destacar a insegurança alimentar, a falta de água, de saúde pública e de saneamento. Do ponto de vista subjetivo observamos a inveja e as represálias dos vizinhos em relação ao seu modo de vida, essa questão fica evidente na forma como Carolina encara a criação dos filhos e sua subsistência, sem marido.

Durante a escrita desse diário a autora faz abordagens críticas de temas como, a fome, a conjuntura política e a questão racial. Porém, no decorrer dessa seção iremos nos debruçar, brevemente, sobre a conjuntura política que o diário foi escrito. Acrescentando o que já foi dito na introdução.

Segundo a filósofa Hannah Arendt (2002) a política está presente em todos os lugares, até mesmo na organização familiar onde existe uma hierarquia, na qual, os filhos estão subordinados aos pais. Carolina (2014), por exemplo, usa de todos os subterfúgios possíveis para que seus filhos não passem dificuldades por conta de seu trabalho de catadora, exige que eles estudem e ao mesmo tempo se divirtam - construindo um balanço em seu quintal - esses direitos foram consagrados no Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990) algumas décadas depois.

De acordo com Hannah Arendt (2002 p.7):

A política trata da convivência entre diferentes. Os homens se organizam politicamente para certas coisas em comum, essenciais num caos absoluto, ou a partir do caos absoluto das diferenças. Enquanto os homens

---

<sup>1</sup>A edição do livro Quarto de Despejo (2014) utilizado na elaboração desse artigo mantém a marca da oralidade presente na escrita de Carolina Maria de Jesus. Entendemos que a manutenção dessa característica da escrita é um importante marcador social e uma transposição da oralidade da época transmitida para a escrita, difícil de ser resgatada nos tempos atuais. Nesses termos, compreendemos os erros para além de uma questão gramatical.

organizam corpos políticos sobre a família, em cujo quadro familiar se entendem, o parentesco significa, em diversos graus, por um lado aquilo que pode ligar os mais diferentes e por outro aquilo pelo qual formas individuais semelhantes podem separar-se de novo umas das outras e umas contra as outras...

As ponderações da filósofa nos fornecem subsídios de como a micropolítica está presente no convívio familiar de Carolina Maria de Jesus, onde a educação, a moradia e a alimentação nunca deixou de ser um horizonte de luta e de sobrevivência para a autora, seus filhos e sua filha. Vale destacar que muitos dos direitos básicos que Carolina lutava para garantir estavam previstos em lei, mas não são implementados pelo estado brasileiro para a população pobre, ainda mais quando se trata dos negros descendentes de escravos.

A “política” de acordo com a definição do Dicionário Michaelis<sup>2</sup> é a arte ou a ciência de governar. Pensando o texto e o contexto de Carolina Maria podemos afirmar que essa definição é contraditória, uma vez que a autora denuncia a falta de políticas públicas e a falta de auxílio as populações mais vulneráveis. O “populismo” por parte dos governantes estabelece uma relação “clientelista” com essa parte da população.

A filósofa Hannah Arendt destaca o preconceito que as pessoas possuem pela política: “Quando se quer difundir preconceitos, é preciso sempre descobrir primeiro o juízo anterior neles contido, ou seja, identificar seu conteúdo original de verdade” (ARENDR, 2002, p.11). A avaliação que Carolina Maria fazia de alguns políticos, evidencia um juízo preliminar, no entanto, não deixava de ter um lastro de “verdade”. Essa reflexão fica evidente no seguinte trecho: “Quando uma senhora perguntou-me o que acho do Carlos Lacerda, respondi conscientemente: - Muito inteligente. Mas não tem educação. E um político de cortiço. Que gosta de intriga. Um agitador” (JESUS, 2014, p.12).

O trecho citado abaixo destaca o contexto político do país na época de Carolina Maria de Jesus e no tempo da escrita do seu diário. O período é reconhecido como democrático (1945-1964) onde, do

---

<sup>2</sup> Dicionário Michaelis On-Line, disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/pol%C3%ADtica/> Acessado em: 13/07/2023.

ponto vista formal, predominaria o poder do povo com liberdade política para escolher seus representantes (sistema eleitoral).

Segundo Gomes e Ferreira (2018, p.256):

A explicação do que acontecia no Brasil (e na América Latina), portanto, tinha razões macrossociais, já que o país vivia uma fase de transição, deixando de ser uma sociedade atrasada e rural, para se tornar uma moderna sociedade urbano-industrial, estando marcada pelo fenômeno das migrações do campo para a cidade. Uma análise orientada por categorias dualistas, que opunham um conjunto de pares (rural x urbano; atrasado x moderno; agrário x industrial etc.) e buscavam o desenvolvimento do país. Era essa situação histórico-sociológica que criava condições para um estilo de governo e de liderança chamados de "populista". Tratava-se de uma interpretação de cunho estrutural, que abarcava variáveis socioeconômicas de grande escala (explicando a política pelos interesses econômicos), derivando o comportamento dos atores políticos – sobretudo o comportamento eleitoral – como delas decorrente. Em outros termos, era por tais razões que os eleitores (que ainda não sabiam votar) eram facilmente conduzidos por líderes carismáticos, com poder de mobilização, mas sem projetos políticos, até porque não possuíam compromissos partidários. É esse tipo de interpretação que esclarece a centralidade de procedimentos que devolvessem aos atores políticos – coletivos e individuais – suas margens de autonomia, assim como a identificação do populismo como uma espécie de mal maior, capaz de concentrar e tornar visíveis as falhas, insuficiências etc. de nosso sistema político entre 1945/64.

Durante esse período tivemos 5 presidentes, Eurico Gaspar Dutra, Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek, Jânio Quadros e João Goulart. Porém são citados pela autora nesse trecho do diário o ex-governador do Estado de São Paulo, Adhemar de Barros e os ex-presidentes Juscelino Kubitschek e Jânio Quadros.

A escritora Carolina Maria (2014, p.25) pondera sobre o quadro político brasileiro:

—É que eu tinha fé no Kubstchek.  
—A senhora tinha fé e agora não tem mais?  
—Não, meu filho. A democracia está perdendo os seus adeptos. No nosso paiz tudo está enfraquecendo. O dinheiro é fraco. A democracia é fraca e os políticos fraquíssimos. E tudo que está fraco, morre um dia.  
...Os políticos sabem que eu sou poetisa. E que o poeta enfrenta a morte quando vê o seu povo oprimido.

Ainda nas palavras de Carolina (2014, p.45):

..., mas eu já observei os nossos políticos. Para observá-los fui a Assembléia. A sucursal do Purgatório, porque a matriz é a sede do Serviço Social, no palácio do Governo. Foi lá que eu vi ranger de dentes. Vi os pobres sair chorando. E as lágrimas dos pobres comove os poetas. Não comove os poetas de salão. Mas os poetas do lixo, os idealistas das favelas, um expectador que assiste e observa as tragédias que os políticos representam em relação ao povo.

Durante seus relatos, percebemos que Carolina "dribla" as adversidades com muita força de vontade no intuito de ver os filhos em uma situação melhor do que se encontram. Estes fragmentos possuem um teor bem crítico por acentuar a falta de sensibilidade por parte dos nossos governantes ao "cuidar e proteger" da população mais pobre. Na desigualdade, o "cuidado" é "seletivo" e essa "seletividade" não deixa de ser avaliada criticamente por Carolina Maria (2014, p.25).

(...) disse-me que a favela é um ambiente propenso, que as pessoas têm mais possibilidades de delinquir do que tornar-se útil a patria e ao país. Pensei: Se ele sabe disto, porque não faz um relatório e envia para os políticos? O senhor Janio Quadros, o Kubstchek e o Dr. Adhemar de Barros? Agora falar para mim, que sou uma pobre lixeira. Não posso resolver nem as minhas dificuldades. ...*O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome*<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Grifo nosso.

Este trecho demonstra a necessidade de eleger políticos que tenham um olhar mais sensível para a população pobre, com o objetivo de diminuir a desigualdade social, principalmente, no que diz respeito aos bens mais elementares da nossa existência.

### **Racismo da carne na pedra**

*A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra.  
E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu.  
A minha até aqui tem sido preta. Preta é minha pele. Preto é o lugar onde eu moro.*  
Carolina Maria de Jesus. 2014, p.144.

No diário, Carolina traz um recorte da sua vivência e ao decorrer do livro é evidente a sua consciência racial onde faz denúncias aos diferentes tipos de preconceito presentes naquele momento. Principalmente o racismo, que o sociólogo Michel Wieviorka (2007, p.9) diz que:

(...) consiste em caracterizar um conjunto humano pelos atributos naturais, eles próprios associados às características intelectuais e morais que valem para cada indivíduo dependente desse conjunto e, a partir disso, pôr eventualmente em execução práticas de inferiorização e de exclusão.

Entendemos que essa definição atravessa e coincide diretamente com o cotidiano de Carolina. A escritora traz momentos em que os “brancos” se fazem importantes para a vida dos pretos: “Conversei com uma senhora que cria uma menina de cor. E tão boa para a menina...Lhe compra vestidos de alto preço. Eu disse:— Antigamente eram os pretos que criava os brancos. Hoje são os brancos que criam os pretos”(JESUS, 2014, p.21). Nesse trecho podemos observar que mesmo após 72 anos da abolição da escravatura, a relação de subserviência entre brancos e negros não ficou para trás em nossa história, tanto que está presente e denunciado no diário de uma mãe da periferia de São Paulo.

Por conta dessa mesma herança racista vigente no país, Carolina (2014, p.26) relata:

Hoje amanheceu chovendo. E um dia simpático para mim.  
E o dia da Abolição. Dia que comemoramos a libertação  
dos escravos.

...Nas prisões os negros eram os bodes espiatórios. Mas os  
brancos agora são mais cultos. E não nos trata com  
desprezo. Que Deus ilumine os brancos para que os pretos  
sejam feliz.

E nesse momento já conseguimos pensar na ideia do território<sup>4</sup>  
comandado por "brancos", pois passa uma impressão que essa  
felicidade dos "negros", ou até certa paz, só serão garantidas se os  
"brancos" quiserem. Os "brancos" concentram o "poder".

Ao decorrer da obra, Carolina Maria traz momentos onde  
questiona a diferença entre pretos e brancos. O porquê que ela, por  
ser uma mulher preta, não poderia escrever: "Eu escrevia peças e  
apresentava aos diretores de circos. Eles respondia-me: —É pena você  
ser preta. Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu  
cabelo rústico" (JESUS.2014, p.55). Devido ao preconceito racial  
pessoas pretas são induzidas ao não pertencimento de posições que  
podem ser suas, como, por exemplo, Carolina Maria que é uma  
escritora muito sensível e pertinente nas suas obras, mas que em sua  
realidade é induzida a pensar que não pertence a essa categoria, não  
pode pertencer, não é digna. Após isso, ela questiona a gritante  
superioridade dos brancos na sociedade: "O branco é que diz que é  
superior. Mas que superioridade apresenta o branco? Se o negro bebe  
pinga, o branco bebe. A enfermidade que atinge o preto, atinge o  
branco. Se o branco sente fome, o negro também. A natureza não  
seleciona ninguém" (JESUS. 2014, p.55).

Pessoas "brancas" são colocadas em posições de privilégio pela  
suposta "dignidade" que a cor da pele "branca" carrega e essas ideias  
foram impostas pelos próprios "brancos". O preto é sempre o outro/a  
e nunca o capaz ou digno de assumir posições importantes  
socialmente que também podem ser suas. Nesse sentido, a escritora  
Grada Kilomba (2008, p.54) é assertiva ao dizer: "Devido ao racismo,  
pessoas negras experienciam uma realidade diferente das brancas e,  
portanto, questionamos, interpretamos e avaliamos essa realidade de  
maneira diferente".

---

<sup>4</sup> Ver: SANTOS, Milton. O Retorno do Território. In: *Observatório Social da América Latina*. Ano 6 n°16  
( Jun.2005). Buenos Aires: CLACSO, 2005.

No documentário *Racionais: Das Ruas de São Paulo pro Mundo*<sup>5</sup>, o Dj Kl Jay, da zona norte de São Paulo, diz que os pretos estão em território inimigo. Análogo a isso, na década de 50, Carolina Maria também nos apresenta a ideia, a partir do recorte em que vive, de uma sociedade controlada por brancos e ressalta quando diz: “Enfim, o mundo é como o branco quer. Eu não sou branca, não tenho nada com estas desorganizações” (JESUS, 2014, p.60). A ausência de políticos e consequentemente de políticas públicas para pessoas negras e periféricas também aparece no Diário, e isso contribuía para o fortalecimento do território em sua dimensão subjetiva e objetiva dominada pelos brancos. A visão política de Maria é muito presente em toda a obra, e a falta de representantes para suas causas tornava quase impossível a esperança em dias melhores.

A desigualdade racial é algo latente na sociedade e ainda no início do texto a escritora apresenta isso enraizado em sua vivência. No entanto, as narrativas de Carolina Maria (2014, p.66) reproduzem julgamentos pejorativos contra os nordestinos:

O baiano esposo de dona Zefa é meu vizinho e veio queixar-se que o José Carlos lhe aborrece. O que eu sei é que com tantos baianos na favela os favelados veteranos estão mudando-se. Eles querem ser superior pela força. Para ficar livre deles os favelados fazem um sacrifício e compram um terreno e zarpam-se.

Carolina se refere aos nordestinos como baianos, o que já os generaliza. Mas também acaba estereotipando-os como agressivos e que só falam em peixeiras<sup>6</sup> e isso reforça a ideia estrutural do preconceito, sendo ele enraizado na sociedade. Mesmo que Carolina exponha ao longo do seu diário o seu descontentamento em relação à discriminação racial que é presente em sua vida, de forma contraditória, ela pratica uma discriminação de caráter regional em relação aos nordestinos. As ambiguidades em suas falas e atitudes a coloca em posição de humanidade, o que não justifica a utilização de termos pejorativos, mas entende-se que Carolina é uma pessoa em sociedade e que apesar de ter uma grande consciência racial, ela também pode fazer julgamentos pejorativos e ou preconceituosos.

---

<sup>5</sup> *Racionais: Das Ruas de São Paulo Pro Mundo*. Preta Portê Filmes. 2022.

<sup>6</sup> Faca para cortar peixe; faca muito comprida e afiada, que serve de arma.

Pode-se perceber também uma sensibilidade e inclinação de Carolina (2014, p.103) para o cristianismo, uma perspectiva que contribuiu com a constituição do colonialismo.

O preto é perseguido porque a sua pele é da cor da noite.  
E o judeu porque é inteligente. Moisés quando via os judeus descalços e rotos orava pedindo a Deus para dar-lhe conforto e riquezas. É por isso que os judeus quase todos são ricos. Já nós os pretos não tivemos um profeta para orar por nós.

Pensamento este construído por sua formação religiosa fundamentada nas religiões cristãs, refletindo uma carga de apagamento das religiões de matrizes africanas, que pouco legitima pessoas pretas como lideranças políticas e religiosas.

O juízo de Carolina Maria de Jesus sobre as outras religiões demonstram a sua alienação em relação às religiões africanas e o não reconhecimento da sua importância na constituição da cultura brasileira. Os valores estabelecidos pela autora nos remetem ao processo de tentativa de branqueamento da população brasileira. Essa política foi estabelecida pelo Estado na virada do século XIX-XX durante a Primeira República (1881-1930). Uma observação sumária desse processo pode ser percebida nas artes plásticas através da tela "A Redenção de Cam" de Modesto Brocos feita em 1895.



Fonte: <https://journals.openedition.org/artelogie/5242>

A tela apresenta uma família que passou pelo processo de miscigenação entre o negro e o branco, onde pode ser notado, da esquerda para direita, uma senhora negra retinta com as mãos para cima e olhando para o céu, remetendo a um gesto de agradecimento, ao lado de mulher mais clara, supostamente sua filha, segurando um bebê branco e acompanhada de um homem branco, provavelmente pai da criança.

A partir da pintura, podemos interpretar que o processo de embranquecimento era uma dádiva e um alívio para pessoas negras, já que não carregariam mais “a maldição de Cam” para a próxima geração da família, pois teriam a pele mais clara. A maldição de Cam é uma das narrativas que o cristianismo europeu usava para justificar a escravização de negros africanos. Logo, o objetivo era alcançar a pele branca e se libertar desse estigma. O branqueamento não contribuiu apenas para o apagamento dos fenótipos negros, mas também da cultura negra, como a religião, por exemplo. Diante dessa lógica, perpetuou-se o racismo na sociedade, estabelecendo que o branco é melhor, sua cultura e religião também.

Os relatos de Carolina Maria, da década de 1950, faz refletir e pensar na contemporaneidade, como a favela segue sendo um lugar

com precariedades semelhantes com as da época da autora. A carência de saneamento básico, a dificuldade com transporte e lazer, reforça uma realidade muitas vezes difícil nas comunidades e periferias. Mas, ainda assim, podemos afirmar que a favela é um “território” onde se sofre e sonha (SANTOS, 1999).

Ao fim da obra, Carolina Maria (2014, p.144) traz uma reflexão sobre a vida:

A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro.

Também oriundo da Zona Norte de São Paulo, o cantor Emicida (1985-) traz em sua canção Mufete<sup>7</sup>, um sentido contrário a citação, presente no verso: “ligue a pele preta a um riso contente”. Apesar dos avanços das ações afirmativas e das políticas antirracistas, o racismo continua encruado na subjetividade social brasileira, por isso, ainda se associa pretos a algo ruim e se estabelece uma conexão direta entre os pretos e a favela como sendo uma coisa só, sendo preta a pele e o lugar em que mora.

## Carne, pedra e fome

*O Brasil precisa ser dirigido por uma  
pessoa que já passou fome.*  
(Carolina Maria de Jesus, 2014.p.25)

Em 1946, dois anos antes de Carolina ser deslocada para o Canindé, A Geografia da Fome foi publicada. A importante obra de Josué de Castro (2022), notável médico, pesquisador e intelectual, retrata a fome como um fenômeno social complexo, de dimensões mundiais, como um indicador que possibilita a compreensão de um determinado território, conectando e analisando fatores sociais, culturais e econômicos.

---

<sup>7</sup> Emicida. Sobre Crianças, Quadris, Pesadelos e Lições de Casa. Laboratório Fantasma. 2015.

Ao "cartografar" a fome, quatorze anos antes de Quarto de Despejo, o autor perpassa múltiplos campos disciplinares e traz uma visão ampliada do objeto estudado, como um efeito complexo de diferentes causas, que se convergem.

Nas palavras de Josué de Castro (2022, p.42):

(...) a fome coletiva é um fenômeno social bem mais generalizado. É um fenômeno geograficamente universal, não havendo nenhum continente que escape à sua ação nefasta. Toda a terra dos homens tem sido também até hoje terra da fome.

O livro de Carolina Maria de Jesus relata o cotidiano no Canindé, sob perspectiva e descrição de uma mulher favelada, negra, mãe solteira de três filhos e migrante numa cidade que se reestrutura de acordo com os anseios da "elite" local, formada por banqueiros, industriais e oligarcas do café.

A escritora disserta sobre os dilemas do "Quarto de Despejo" e expõe os efeitos de uma vida impactada pelo objeto de estudo de Josué de Castro, a fome. O sofrimento corriqueiro da autora fez com que ela atribuísse cor à fome: "amarela" como à bile regurgitada de um estômago vazio.

A percepção da autora tem raiz em sua infância, quando viveu em Sacramento, com o mínimo de dignidade, e insurge contra a forma como o governo ignora os remanejados para as condições insalubres do Canindé, o quarto do despejo. O cotidiano transcrito por Carolina (2014, p.28) dá materialidade à análise crítica de Josué de Castro: "Eu amanheci nervosa. Porque eu queria ficar em casa, mas eu não tinha nada para comer".

O Brasil forjou-se na espoliação de recursos, na exploração da força de trabalho: primeiro com a escravidão, depois com o desenvolvimento do modo de produção capitalista em sua estrutura desigual e combinada. Essas variáveis foram indispensáveis para amalgamar os pequenos grupos que se beneficiaram com a acumulação durante esses períodos e que se organizaram politicamente para manter a reprodução da desigualdade socioeconômica, uma contradição com a abundância dos recursos e a fertilidade do solo brasileiro.

Geografia da Fome de Josué de Castro (2022) mostra que seus delineamentos conceituais e propositivos continuam vivos e constituem instrumentos indispensáveis para repensar criticamente a realidade brasileira e, em particular, a da região nordeste. E Carolina Maria de Jesus, em seu diário, O Quarto de Despejo, mostra o dia a dia de sua família, composta por ela e seus filhos que vivenciam o descaso na favela do Canindé.

As obras de Josué (2022) e Carolina (2014) convergem e se complementam, subsidiam instrumentos que possibilitam dimensionar o tema em questão. A fome como objeto de investigação científica e a fome como um sofrimento contínuo de dimensões fisiológicas e psíquicas. O pesquisador de renome e a escritora "favelada" fornecem uma importante enciclopédia para a conscientização desse problema, que, historicamente, assola a sociedade brasileira e preocupa aqueles que se comprometem com as pautas dos Direitos Humanos.

A fome ainda é uma constante para muitos brasileiros. Erradicar a insegurança alimentar e a pobreza no país são grandes desafios para a sociedade. As obras de Josué de Castro e Carolina Maria de Jesus são fontes necessárias para a compreensão da realidade brasileira que precisa superar o problema da fome e reduzir o abismo social entre as classes. Para, enfim, emancipar outras Marias.

### Considerações Finais

A síntese textual apresentada contém o momento da pesquisa, entendemos que o possível diálogo com pares através da publicação é fundamental para o enriquecimento do nosso trabalho. Além disso, fazer os levantamentos bibliográficos, ler, sintetizar e produzir os seus próprios textos é um exercício base na formação do professor e do pesquisador. Cabe, novamente destacar, que feito esse exercício inicial vamos relacionar os temas da política, do racismo e da fome a questão da habitação com o objetivo de saber como a obra de Carolina Maria de Jesus pode revelar uma determinada geografia urbana da cidade de São Paulo, entre as décadas de 1950-60. Essa "geografia marginal" tem como ponto de partida a percepção de uma mulher, negra, favelada, catadora de sucata e mãe solteira de 3

filhos. Com a intenção de ilustrar nossas pretensões metodológicas é necessário dizer que o “lugar” não deixa de estar relacionado a “estrutura”. Assim, recorremos as palavras do geógrafo Milton Santos (1988, p.18) ao dizer que “(...) hoje, a geografia tende a ser cada vez mais a ciência dos lugares criados ou reformados para atender a determinadas funções, ainda que a forma como os homens se inserem nessa configuração territorial, seja ligada (...) à História do presente”. E arremata: “Se os lugares podem, esquematicamente, permanecer os mesmos, as situações mudam. A História atribui funções diferentes ao mesmo lugar”<sup>8</sup>. Dito isto, o texto evidencia os problemas sociais apontados pela autora e, ao cartografá-los, visamos extrapolar a dimensão literária e dialogar com uma linguagem comum a vários subcampos da Geografia – a Cartografia. A obra literária em análise dá subsídio para resgatar e fortalecer uma Geografia que reduz a sua escala de análise, mas sem perder o teor crítico.

Por fim, ao discorrer sobre o racismo, a fome e a política vigente durante o percurso da escrita de Carolina Maria de Jesus, estruturamos uma pesquisa que se propõe a resgatar a relevância dos problemas da sociedade da época, mas que permanecem nos dias atuais.

### Referências bibliográficas

ARENDDT, Hannah. *O que é política?* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

ARRUDA, Aline; BARROCA, Iara; TOLENTINO, Luana (Orgs.). *Carolina Maria de Jesus: percursos literários*. Rio de Janeiro: Malê, 2022.

BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente: Lei Federal 8.069, de 13 de julho de 1990*. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002.

---

<sup>8</sup> Na continuidade, Milton Santos (1988, p.18) ensaia uma definição do conceito de “lugar”: “O lugar é um conjunto de objetos que tem autonomia de existência pelas coisas que o formam (...), mas que não tem autonomia de significação pois todos os dias novas substituem as antigas, novas funções se impõem e se exercem”.

BROSSEAU, Marc. *O Romance: outro sujeito para a Geografia* In: CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny. *Literatura, Música e Espaço*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2007.

CASTRO, Josué de. *Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço*. São Paulo: Ed. Todavia, 2022.

FERNANDES, Felipe Moura. *A Geografia, o Geográfico e a Linguagem* In: *Terra Livre*. São Paulo/SP. Ano 28, V2, n.39, p. 149-162, Jul-Dez 2012.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O Brasil Republicano: o tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

GOMES, Angela de Castro; FERREIRA, Jorge. *Brasil, 1945-1964: uma democracia representativa em consolidação* In: *Locus: Revista de História*, Juiz de Fora, v.24, n.2, p.251-275, 2018.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. *Quadros Geográficos: uma forma de ver, uma forma de pensar*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*. 10ª ed. São Paulo: Ática, 2014. Disponível em: <https://dpid.cidadaopg.sp.gov.br/pde/arquivos/1623677495235-Quarto%20de%20Despejo%20-%20Maria%20Carolina%20de%20Jesus.pdf.pdf> Acessado em: 30 set. de 2023.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2008.

MORAES, Antonio Carlos Robert. *Território e História do Brasil*. São Paulo: Annablume, 2008.

MOREIRA, Ruy. *Pensar e ser em geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico*. São Paulo: Contexto, 2011.

SANTOS, Joel Rufino dos. *Carolina Maria de Jesus- uma escritora improvável*. Rio de Janeiro: Ed. Garamond, 2009.

SANTOS, Milton. O Retorno do Território. In: *Observatório Social da América Latina*. Ano 6 nº16 (Jun.2005). Buenos Aires: CLACSO, 2005.

SANTOS, Milton. *O chão contra o cifrão*. Folha de São Paulo, São Paulo, 28 fev.1999. Caderno Mais, p.5.

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do Espaço Habitado, fundamentos Teórico e metodológico da geografia*. Hucitec. São Paulo 1988.

WIEVIORKA, Michel. *O Racismo, uma introdução*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2007.

### Documentário

*Racionais: Das Ruas de São Paulo Pro Mundo*. Preta Portê Filmes. 2022.

### Música

Emicida. *Sobre Crianças, Quadris, Pesadelos e Lições de Casa*. Laboratório Fantasma. 2015.

### Sites

Quadro: *A redenção de Cam de Modesto Brocos (1895)*

<https://journals.openedition.org/artelogie/5242>

Acessado em: 13 de jul. de 2023.

Dicionário Michaelis On-Line. Disponível em:

<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/pol%C3%ADtica/>

Acessado em: 13 de jul. de 2023.